DOI: 10.69138/arete-2531-6249-20210604

O Matriarcado Minoico (Keftiu) e a arcaica ausência de fronteiras entre arte, filosofia, política e religião [1]

Fabíola Menezes de Araújo

Abstract -This text is born more as an invitation: that to think the hypothesis of the arché (ἀρχή), original destination - of knowledges such as philosophy, dramaturgy, mythology, geometry (of Gaia and metrics; calculation of the Earth) and stereometry (de στερεός - solid and metric - calculation of contents) - as co-participant on a plan of a female deity, can become possible again, we propose the Minoan Proto Era, more precisely the island of Crete, as the most archaic cradle of our Civilization. We bet on the origin of this Civilization as marked by the performance of a Goddess whose historical period is here pointed as *the Minoans*, or Keftiu, in Egyptian. The main mode of action of this Goddess would be the capacity of making possible an eternal return of knowledge related to a world where mortals but also immortals are present. Who is this people whose priestesses would have existed under the leadership of a Goddess in the middle of the Mediterranean, about two millennia before the Christian Age? What we intend to do here is, from the remaining imagery records of this most archaic Civilization, that were there even before the Trojan War, to make evident an archaic art that Plato may also refer as the best art. To think this female ancestry in the Greek Civilization as marked by mysteries is already the goal of some Hellenists. Knowing that there is an abyss to the full realization of our project, namely the fact that the Minoan syllabary, the so-called Linear A, is not yet been deciphered -- is important, but can not foreclose the accomplishment of our task. To jump over this abyss may one day become the mission of many? Or will our task forever be stuck in the realm of the impossible? It's a risk we take. It will be necessary, to begin the accomplishment of our task, to answer the following question: images are or will be able to show the essence, 'the coming to be (Γένεσς - οὐσία) of a Goddess? Plato's answer is: No. For this philosopher, the essence, the being of each thing will be never revealed by the image that we can make of it. Recognizing the precarious and the ambitious's character of our project will not prevent us from rethinking the foundations of our Civilization. To think this Civilization, so marked by the rise of technology in the detriment of knowledge, as based on the oblivion of the feminine will be, in end, our final task.

Keywords - *Minoan era, wisdom*

1. Introdução : o caráter filosófico da leitura de Imagens em Platão

1 Dedico esse artigo à minha amiga Renata Marinho, ao Coletivo Feminista Mulheres PUC-Rio, pelo apoio na luta pelo direito à existência, e a Charles Feitosa, adelpho maior. Em memória de Sandro Cipriano, guerreiro incansável

Não é à imagem fixa da concha, ou à *entidade das águas*, chamada Iemanjá em Yorubá, ou *ima*[2] em hebraico o fenômeno ao qual devemos nos ater caso quisermos antever quem cura Glauco no final da *República*. Glauco, esta personagem contraditória que surge em meios a águas marítimas, posto que sobre rios, e que traz algas no *Livro X* [3] (611d) tampouco precisará aguardar o útero da terra (ὑποδοχὴν [49a] τῆς χώρας [52a]) para ser curado. Dotado de uma antiga e arcaica *physis* (παλαιός ἀρχαίαν φύσιν, Platão, 2016, 611d, p. 828) é dito, sobre esta personagem que surge quebrada ao final da batalha dialética em prol do rigor da poesia, que ele "mais parecia um monstro[4] ". A fala de Sócrates deixa clara a monstruosidade de Glauco, e ajudaria às três personagens do diálogo a investigar a questão da verdade como podendo, ou não, ser revelada *por meio de imagens (mimesis)*. A imagem é clara: o monstruoso Glauco precisa ser curado. Quem irá curá-lo? À mesma investigação teremos que voltar caso quisermos fazer uso das imagens do matriarcado minoico para pensar a proveniência do milagre grego, assim como pensar a cura de nossa Civilização. Esta investigação, que também tem lugar como forma de cultivar os saberes em que o cuidado protagonizado por mulheres pôde ter lugar, só se realizará plenamente caso pudermos provar filosoficamente a pertinência do uso de imagens em um pensar que se queira filosófico. Chegaremos à conclusão de que Platão esteve mais atento para o protagonismo de uma Deusa tida, por sua vez, como capaz de reunir dois povos, o egípcio e o grego, do que nós. Desconfiamos de que a história desta Deusa, que Platão conta no *Timeu*, seja também uma resposta à questão de como se pode realizar a cura da monstruosidade de Glauco.

Nossa investigação terá lugar a partir da crítica que Sócrates levanta à produção de imagens. O filósofo nos convida a pensar o seguinte: Como pode a produção de imagens servir à verdade? Já nós pensamos o seguinte: poderia esta crítica levar à cura da monstruosidade, ou do caráter monstruoso da alma de Glauco? Na realização de sua crítica, por um lado, Sócrates pontua, no início do *Livro X,* que um artesão (demiurgo), para realizar o seu trabalho, se pautará não em imagens (596bd) mas em ideias que servirão, estas sim, para guiar o artesão na fabricação de mesas e camas. Somos então convidados a pensar a respeito do lugar de proveniência das ideias. É o inquérito ao que Sócrates nos leva permeado por este movimento de pensar o pensar. Será junto à investigação de como são produzidas as ideias que a crítica do filósofo às imagens adquirirá seu pleno sentido. A conclusão será que, caso permaneçamos no âmbito das imagens, não poderemos ascender à descoberta da verdade, qual seja, a respeito do modo como as ideias mesmas surgem ou são produzidas. Por outro lado, Sócrates também nos faz emergir em uma série de imagens que, no contexto da filosofia política que tem lugar na *República*, soa como um pretexto para a realização da cura de Glauco. Sobretudo a partir do mito de Er, cala no texto a suposição de que a justiça divina é inelutável, e que Glauco terá cura ao se dar conta do caráter divino da justiça. Mas como exatamente Sócrates chegará a travar estas relações - entre produção de imagens, justiça e a cura de Glauco?

Pode a produção de imagens advir como um empecilho à descoberta do caráter divino da justiça, ou, ao contrário, devem as imagens ser tomadas como um apoio, um auxílio nesta difícil tarefa de

2 mãe em hebraico.

3 A imagem de rios que afluem na hora da morte ou quando a alma reencarna retorna no *Fédon*, antes da morte de Sócrates, na fala deste (Platão, 2011a, 112b - 114b5; obs.: todas as traduções do *Timeu* deste artigo se baseiam na tradução de Rodolfo Lopes) A concepção de que iremos atravessar estes rios a fim de obter finalmente cura repercute da noção de que quando morremos nos livramos da parte mortal de nosso ser e ficamos apenas com a parte imortal.

4 Platão, *Politeia, a República*, 2016, 611d, p. 829.

pensar o caráter inelutável da justiça? Será que, sob o pretexto de pensar a origem do pensamento, Platão não quereria, na verdade, usurpar o lugar que era tradicionalmente conferido aos poetas da Hélade, eles sim, enquanto educadores de grandes guerreiros e de hetairas (companheiras), capazes de pontuar a justiça divina como uma série de atos em que Zeus reiteradamente deixa evidente o limite entre humanos e imortais? Acreditaria o nosso filósofo que, deste pensamento acerca do caráter inelutável da justiça, poderia realmente surgir a cura de Glauco? É a este enigma do *Livro X* que pretendemos nos ater daqui por diante: como Glauco afinal obterá a cura de sua monstruosidade? Outra pergunta poderá nos auxiliar na investigação desta cura: é Glauco mesmo, ou apenas a sua alma, que precisariam ser cuidados no final do maior, e mais antigo, livro de filosofia política já escrito? Não mencionamos aqui outras Civilizações, cujos livros até mais efetivos em termos de política chegaram até nós. Nossa atenção precisa se voltar apenas para a história grega; e isto por duas razões: a capacidade desta história de pensar a si mesma; e a disponibilidade de, junto a esta história, podermos dar voz ao movimento feminista que sabe que o cuidado protagonizado por entidades femininas raramente é reconhecido e valorizado como tal.

Na cura de Glauco, sabemos, terá lugar de destaque a separação entre alma e corpo. Mas, investiguemos, se *por meio da ciência da separação entre alma e corpo* já haveria a cura, ou se, ao contrário, teria lugar, nesta separação, um acirramento da monstruosidade que protagoniza esta personagem. É possível sabermos *como* se dá a cura da alma desta personagem afinal, ou não[5] ? Sabemos que se trata de cuidar da alma: o corpo, na concepção platônica, se orientaria a partir da alma, e se está curada, o restante também estará.

Veremos, em seguida, como ter a alma como um aspecto da divindade deverá contar pontos na realização da cura de Glauco. Será na medida em que Platão ele mesmo deixar claro o caráter divino do *cosmo* por meio de mitos que evidenciam o caráter da alma como divina (*Timeu*, 41d) que seremos orientados a pensar na direção indicada pelo filósofo também por meio de imagens. Devemos saber, conquanto, que a tarefa de expor retratos da divindade é infrutífera, já que, a cada vez, por meio da produção de *mimesis*, imagem, a divindade ou a alma voltaria a aparecer como distante três passos da verdade (602c), ou seja, da divindade propriamente dita, nós somente poderíamos saber através do pensamento (*nous*[6]). Se a imagem permanece aquém do fenômeno em si, da alma também no caso, será impossível definitivamente fazermos uma imagem da alma em seu caráter divino? Haveria uma orientação de Sócrates a respeito do modo como poderíamos acessar a ideia do divino como divino? Temos no Brasil muitos santinhos. Estes santinhos, entrementes,

5 A princípio, segundo Platão, não é difícil se fazer 'uma imagem da alma" o problema seria quando esta imagem fica turva. Diz Sócrates, para Glauco a este respeito: Pensa a alma -- "quando se fixa onde é iluminado pela verdade e pelo ser (ὅταν μὲν οὗκαταλάμπει ἀλήθειά τε καὶ τὸ ὄν), imediatamente o percebe e o reconhece, e se revela (φαίνεται:) inteligente; quando, porém, se volta para o que é mesclado de trevas, para o que se forma e desaparece, passa apenas a conjecturar, e fica turva, mudando a toda hora de opinião, como se perdesse por completo a opinião."(508d4-9).
As inúmeras tentativas de se apreender o sentido de se tecer imagens, contudo, parecem falar contra a tese de ser fácil retratar a alma. Platão, inclusive, talvez teça mitos para dizer o que, sem os mitos, permaneceria no campo do inteligível apenas: Na Alegoria da Linha, por exemplo, (Livro 6 [509d –513e]), ao distinguir o inteligível do visível, Sócrates diz: há o inteligível *e* o visível (ἀλλ' οὖν ἔχεις ταῦταδιττὰ εἴδη, ὁρατόν, νοητόν; 509d4-5). Antes disto, no mito da caverna, o Sol serviria de metáfora, ou metonímia, para o inteligível. Como filho do Bem, o sol é referido como causa do visível (αἴτιος δ'ὧν αὐτῆς ὁρᾶται ὑπ' αὐτῆς ταύτης; 508b9-10) poderia-se, nesta medida, deduzir-se haver dois campos: do visível, e do invisível (inteligível), mas isto não passaria de uma dedução talvez equivocada pois Platão não chega a afirmar o inteligível como do campo do invisível, ele é apresentado como distinto apenas do visível.

6 "pensamento partilhado por deuses, *daimones*, homens e inclusivamente pela alma do mundo" *apud*. nota 57, Platão, 2011, p. 93.

não são como a monstruosa criatura que surge no final da *República*.

Foi-nos possível, até agora, reunir algumas hipóteses a respeito do *modo como* e do *porquê* Glauco[7] voltará a resplandecer. O que pudemos antever é que, a princípio, para a plena realização desta cura, alinhar estes três pontos será essencial: 1) além de se ter clareza a respeito do perigo de, via imagens ou poesia, a alma permanecer aquém de poder pensar a si mesma, 2) saber da justiça como inelutável e 3) se ter, a si mesmo, como irredutível ao plano do imaginário. A estratégia traçada por Sócrates envolverá ainda, *depois do inquérito acima, revelar a imortalidade da alma, isto é, a existência de uma vida após a morte*. Embora a *poiesis*, isto é, a poética onde habita o *Livro X* possa ter sido escrita para sabermos que habitamos em um plano diferente do plano que é visível, plano este que, aliás, teria escapado a *Gyges*, será sobretudo em virtude das imagens dos aquíferos que retornam no momento em que Er morre que ficará claro o lugar da realidade *post-mortem* no projeto político de Platão.

Este projeto seria centrado na revelação de que, se formos justos em vida, poderemos, depois de passar por inquéritos a fim de provar a justiça da alma, reencarnar. Reflitamos: este projeto político não parece ter ido por água abaixo em nossa civilização? No *Fédon* estas imagens terão tempo de retornar com ainda mais força, em um esforço sobre-humano do filósofo de tornar visível a verdade, qual seja, de que haja vida após a morte, e de que habitamos no invisível. Este projeto platônico não parece ter culminado, ao contrário, em uma época em que se evita ao máximo a morte, e até a saber da morte, digamos assim, como o Diabo foge da Cruz? Agora, podemos fazer diferença perguntando: afinal, que acontece quando se morre, segundo a ótica platônica? Nas imagens trazidas por Sócrates, a alma é sugada por um redemoinho, e viaja muito ainda. Pergunta: será que Platão teria tomado contato por acaso com a alma de alguém que já morreu para poder descrever esta cena com tamanha nitidez? Qual o teor de verdade, de realidade, digamos, na descrição de algo que, é possível, Platão teria visto acontecer com o próprio mestre, Sócrates?

Responder esta questão é impossível, de modo que optamos por sustentar agora a radicalidade da crítica que Sócrates lança no *Livro X*, não apenas ao ato assistir *mimesis* e *eidolons* (*phantasias*), mas também de produzi-las. Assim, ficam aqui, por enquanto, defenestradas também estas imagens de vida após à morte cuja realização pode dar muito medo em quem não tem certeza de seguir o caminho da ética. Estas poéticas que falam de realidades absolutamente inacessíveis para quem não é santo, ou filósofo, expulsemos daqui temporariamente, como fez Sócrates com as artes miméticas no 607b da *República*. Mas o que terá sobrado deste ato? *Logos* enquanto linguagem puramente lógica, e o pensar sobre o pensar. E isto poderá curar alguém? Se Platão ele próprio passasse a não fazer mais uso de imagens na obra que se seguirá à *República*: o *Timeu*, teríamos mais confiança na possibilidade de que uma filosofia sem imagens pudesse curar alguém.

Ainda assim, cabe a ponderação de que, sob o pretexto de investigar a impertinência das imagens para o pensar, pudemos antever que se trate de uma postura no mínimo paradoxal: a de impor a expulsão da linguagem poética, mas permanecer tecendo imagens onde, inclusive, terão lugar alguns dos heróis mais virtuosos de que a poesia homérica já passo dado notícia[8]. Fez-se oportuna

7 Não deve passar despercebido ao leitor mais atento que Glauca é um dos epítetos de Atenas, a Deusa. Reflitamos: Terá sido a Deusa da sabedoria, a de glaucos olhos, quem, de fato, precisaria ser reverenciada para poder, por sua vez, voltar a resplandecer no final na *República*? A fim de, quem sabe, deixar claro que a Deusa estava curada, Sócrates convidará o astrônomo Timeu para pensarem juntos a questão da origem do *cosmo*. E aonde eles se encontrão? Não por acaso, na festa em homenagem à Deusa: as Panatéicas.

8 Ajax, Agamêmnon, Odisseu e Atalanta são algumas das personagens que retornam para reencarnar no 620.

ainda assim a estratégia socrática por nos ter permitido dar um atrás em nossas ponderações: Por que, afinal, todas as imagens, mesmo as feitas *pelo e para* o pensamento, deveriam poder ser expulsas *do pensamento*?

Pensemos um pouco mais neste aparente paradoxo: será que Platão ele mesmo teria expulsado, por exemplo, as imagens ou os mitos criados, transcritos e talvez transversados por ele próprio? Afinal em que medida pode vir a ser oportuno saber que as metáforas, as reflexões de caráter psicológico e/ou teológico, e, simplesmente a forma de expor a verdade através de mitos, pode, ou não, em definitivo, responder aos nossos anseios de pensar a verdade? Para responder a este questionamento será preciso decidirmos sobre a interpretação que convém a respeito do lugar das imagens no pensar que pensa a si mesmo. Foi-nos possível antever até aqui que os mitos não podem simplesmente serem expulsos porque, pelo menos na obra platônica: *ou* 1) são imagens *em si mesmas dotadas de um caráter divino*, isto é, verdades descobertas enquanto capazes de nos guiar em direção à cura da alma; *ou* 2) são imagens (a exemplo das conchas, das algas, e dos rios situados embaixo de mares) que devem ser tomadas como degraus a serem transpostos em proveito de uma outra "verdade", a exemplo da verdade de caráter ontológico da origem do *cosmos* como assentada em uma dinâmica cujo cerne seria-nos revelado tão somente no *Timeu*. Será a recomendação socrática, de não nos deixarmos guiar por mimetismos, quem nos levará a esta outra obra de Platão, onde um questionamento acerca de como os gregos, depois das catástrofes naturais, sempre ressurgem devotos de uma Deusa chamada Atenas, por meio da qual eles voltariam a ser crianças, curados e dispostos à guerra (22b) tem lugar.

No *Timeu*, a questão da pertinência das imagens evolui, e a alma chegará a ser tomada como realizadora de imagens[9]. Afinal, como se chegar ao laureado receptáculo cuja tradução por útero[10] a terra fértil (*Khora*[11]), trabalhada pelo Demiurgo[12] no 28a, sem o auxílio de imagens? Ainda

9 Agora, ao contrário de no último livro da *República,* que parece condenar a imaginação, Platão passará a tecer elogios ao ato de imaginar. É bem verdade que aquela condenação se restringe apenas a algumas realizações da imaginação, a saber: a *mimesis (cópia)* e o *eidolon (phantasia).* A relação, ou relações, que a *poiesis* (o fazer)*, o eidos* (o dar forma ou "idear") e o *eicon* (ícone) estabelecem entre si seriam descobertas a medida que a saúde se fizesse presente. Aí, a exemplo de e junto à estereometria (estudos dos sólidos) e à geometria vemos que a relação entre os triângulos dos poliedros obedece a uma dança, a dos astros, que teria lugar junto à música das esferas.

10 Útero da terra (ὑποδοχὴν [49a] τῆς χώρας [52a]).

11 A tradução por terra fértil se fundamenta no trabalho da arqueologia, para quem a *Khora* é inservível, pois nela não haverá achados arqueológicos. Na Antiguidade, ao contrário, ela era reservada ao cultivo de plantas. Seriam, na verdade, várias as noções cujo significado remete à *Khora* e que correspondem a uma entidade feminina capaz de realizar curas para se obter saúde segundo o *Timeu* (24c; 82e), 2011b. Sobre isto ainda: 50c2 ("suporte de impressão" (*ekmageion*: na φύσις); 50d2-3, 50d3 ("mãe", *mêtêr*, a que recebe: δέχομαι; μεταξὺ - no meio entre mãe e pai); 51a5 ("mãe" , μητέρα: 50d3, 51a5, 88d7; das águas - ὕδωρ); 88d7 (τιθήνην - cuidar). Segundo Rodolfo Lopes, tradutor do *Timeu*, mais indirectamente, esta entidade é comparável a uma primeira mãe (*proseikasai mêtri:* 50d2-3); uma ama, paradigma segundo passível de ser visto (παραδείγματος δεύτερον, γένεσιν ἔχον καὶ ὁρατόν): ("de acordo com a natureza? Será sobretudo a seguinte: ser o receptáculo e, por assim dizer, a ama de tudo quanto devém. Falámos agora com verdade", τίν' οὖν ἔχον δύναμιν καὶ φύσιναὐτὸ ὑποληπτέον; τοιάνδε μάλιστα: πάσης εἶναιγενέσεως ὑποδοχὴν αὐτὴν οἷον τιθήνην, 49a6) E ainda: "dela sai sempre são imitações do que é sempre, impressas [(mimêmata) do que é sempre] nela de um modo misterioso e admirável (...) (50b8-c6); " lugar em que se consuma o processo de participação." (Platão, 2011b, p. 46).

12 Partimos aqui da hipótese da obra o *Timeu* ser a que se segue ao *Livro X* da *República*; hipótese esta trabalhada por uma certa gama de helenistas que, para aferir isto, teriam seguido as indicações que o próprio filósofo lança nos respectivos contextos, a saber: no *Timeu* o filósofo retoma as principais teses lançadas na *República* a fim de talvez dar-lhes um melhor acabamento. Além disso, trabalhamos atualmente a hipótese de que Platão perdera o seu mestre, Sócrates, enquanto trabalhava a *República*. Sob esta hipótese, as imagens do *mito de Er* presentes no *Livro X* não

assim, o dilema estético persiste: Se Sócrates critica as imagens como impertinentes, "distantes três passos da verdade" (602c), por que o próprio filósofo não se abstém de usá-las? Será que apenas algumas imagens que seriam bem-vindas, em detrimentos de outras? No *Timeu* as imagens-chave para se compreender esta obra partirão da poesia de Sólon (ῥαψῳδίας, 2003, 21b). Segundo esta rapsódia, teria sido do Antigo Egito que Sólon teria vindo trazer a verdade da cidade de Atenas como provinda do desejo de uma Deusa, no caso, Atenas[13].

E aí a questão retorna: será que não teremos que abandonar estas imagens também, da origem do *cosmos*, da cidade de Atenas, e da Deusa que lhe dá nome, em proveito de uma outra verdade ou cidade, de caráter mais transcendental, ou quem sabe, celeste? Em nome da descoberta da experiência no seio da qual todas as imagens viriam a ser criadas, as imagens acima ainda precisarão ser transpostas. E será em nome de um futuro onde o movimento dos deuses poderá voltar a ser que a personagem de Sócrates volta a nos incitar a abandonar as imagens. Podemos depreender ser uma constante no contexto da reflexão platônica este movimento, de retirar as imagens como provedoras do conhecimento, e de voltar a colocá-las. No *Timeu*, este movimento voltará a acontecer, e isto se dará a partir do 29d, quando irá surgir como origem e meta o seguinte: mais do que uma divina cidade, um *cosmo* ordenado por um Deus que participou das ideias, e que, quando se dispôs a trabalhar, pôde dar, ao movimento (34a) errático do *cosmo*, o seu eterno repouso. Para realizar o movimento a partir do qual o próprio tempo vem a ser (37e) o Deus terá "por meio de raciocínios (διὰ δὴ τὸν λογισμὸν) fabricado a totalidade (τὸ πᾶν συνετεκταίνετο), estabelecendo o intelecto na alma e a alma no corpo" (νοῦν μὲν ἐν ψυχῇ, ψυχὴν δ' ἐν σώματισυνιστὰς, 30b-c). As ideias surgem, portanto, sobre o Demiurgo para que este possa ser imortal a partir da mortalidade do útero da terra, isto é, de *Khora*. Ao contrário do que veremos se passar no Matriarcado Minoico, onde as entidades femininas serão tomadas como devendo estar sempre no alto, aqui a imagem é de um Deus que subjuga o feminino.

Também à diferença do modo como as musas cantavam para os aedos, as ideias não serão compreendidas "como" deusas. E somente depois de o céu ser pintado, ou configurado (διαζωγραφων), que as graças da Deusa Atenas poderão vir a ser mostrar, o que viria a ser feito, é bem verdade, por nada menos do que nove mil anos. Isto *porque e na medida em que* esta Deusa iria vendo os seus desejos sendo atendidos e honrados tanto pelos gregos quanto pelos sacerdotes egípcios (22b)[14] quais sejam: viver na sabedoria e no vigor de palavras renovadas como sagradas em meio à totalidade (τὸ πᾶν) fabricada pelo Demiurgo. A partir do desejo destes mortais que a manutenção a julgar da educação (a *Paideia*) promovida pela Deusa teria podido ter lugar por tanto tempo, ao menos segundo os sacerdotes egípcios com quem Sólon teria se consultado (108e). Uma questão que permanece em aberto é acerca do valor destas palavras para dizer a verdade [15]. A questão de estas palavras coincidirem, ou não, com as coisas, em si mesmas divinas,

por acaso retomam no *Fédon*. Tratam-se das exatas mesmas imagens do fenômeno da vida que se seguiria à morte do corpo.

13 Estando em presença dos sacerdotes de lá que Sólon teria ouvido, como devotos da deusa Neith, símile à Atenas, cuja proteção lhes é cara, que os gregos eram mais capazes de guerrear do que qualquer outro povo. Estes sacerdotes lhe teriam contado, além disto, que, outrora, os próprios egípcios, na luta contra os Atlantes, teriam sido salvos pelos atenienses. (*Cf.* Platão, 2011b, nota 89, p. 246). Portanto se trataria de uma Deusa no mínimo poliglota.

14 Os sacerdotes teriam brincado dizendo os gregos serem como crianças que não possuiriam registros de si mesmos das épocas mais antigas, estando estas felizmente guardadas pelos egípcios.

15 No *Timeu*, Platão também se pergunta acerca da pertinência das palavras para dizer a ideia inteligível: "Há(verá) uma Ideia inteligível (φαμεν εἶδος ἑκάστου νοητόν) de cada coisa, não sendo tudo isto nada senão palavras (λόγος) ? Por

não fica decidido no texto. Isto ainda que o questionamento acerca de como as coisas dotadas de um caráter divino tenha tido, no *kayros*, sim, oportunidade de ser. Houve o esclarecimento de que, no tempo oportuno, e apenas neste, as palavras teriam podido dizer a coisa que é *em si,* isto é, que é eternamente, e que não apenas devém. Que coisa é esta? Supomos ser Deus. Apesar da retórica socrática ter nos levado a crer que Deus não se revele através de imagens, ela culminará sim na criação de uma imagem de Deus. Ainda que tenha tido relevância a questão da oportunidade das palavras serem investidas de divindade como um momento necessário para podermos dizer o que é, no final, se conclui pelo Ser como Ser que é eternamente, e não apenas no devir.

Como a questão da oportunidade é relevada como fundamental, será preciso, para responder à questão da palavra como capaz, ou não, de dizer a coisa que é, com a devida precisão, será preciso investigar em que medida estas imagens podem ter vindo ao nosso encontro justamente *na medida em que* e *porque* também precisamos de cura. O problema maior, a nosso ver, será quando a cura passar a se dar em nome do Senhor. Porque muitas guerras já foram feitas em nome do Senhor. E não valerá a pena, ao nosso ver, curar alguns, e matar outros. Se será junto a uma poética bastante parecida que se desenvolverá o argumento principal do *Timeu*, será preciso redobrarmos a atenção.

Deverá, para tanto, voltar a ser um enigma o seguinte: *por que*, talvez em nome da melhor poética, a atuação da Deusa Atenas parece ter arrefecido em nossos dias? Será que temos prestado-lhe as devidas reverências? De que cuidados precisamos nós, para trazer de volta a sabedoria para os corações e até para as orações, sobretudo dos mais ignorantes? Relegados à lógica da técnica talvez tenhamos perdido a noção do que provém de uma genuína sabedoria, e do que provém de uma incessante produção e reprodução de imagens que prometem ser a verdade do que é, e não mais do que devem? Qual será o lugar que a posteridade relegará à nossa época na história das Civilizações? Não está decidido. E precisamos voltar a esta questão -- acerca da ausência da sabedoria em uma época como a nossa -- com urgência caso queiramos continuar a habitar na terra poeticamente. Para voltarmos a nos sintonizar com a mântica desta Deusa talvez seja preciso voltarmos a ser apanágios da loucura (72a-b). Talvez seja preciso resgatarmos imagens de uma liberdade onde a felicidade era e, se foi um dia, poderá voltar a ser: saber-se habitante de um ventre onde já aportamos vencedores. Tudo isto poderá ajudar, conforme depreendemos do *Timeu*. É a personagem homônima, a partir da rapsódia de Sólon, que diz, no 24b que, pela sabedoria de uma Deusa "nós atenienses" vencemos, e que isto teria se dado apesar do analfabetismo ao qual "nós" gregos estaríamos condenados em razão das catástrofes naturais que sempre voltam a destruir quase tudo. Em meio a um céu cinza, e um mar tido pelos gregos como vermelho[16], tudo volta a ser águas.

Caso se trate de descobrir 'imagens' capazes de causar uma felicidade única (121b), à diferença da de Atlantis, a orientação de Sócrates, para que não nos deixemos enganar por imagens, voltará a perder todo o seu sentido. Será que a cura -- não apenas de Glauco, mas de nossa época, tão niilista

---

um lado, não nos (seria) permitido deixar a questão que temos à nossa frente por julgar e por decidir, pois merece que o façamos, nem abandoná-la, afirmando com certeza que é assim; mas, por outro lado, não podemos inserir um longo discurso acessório ao lado de outro que já é longo. Porém, se, ao estipularmos um limite, focássemos (apenas nos) aspectos decisivos em pouco tempo, seria extremamente oportuno (kayrós - ἐγκαιριώτατον) (51c-d, p. 136, Platão, 2011b)."

16 Sobre como os gregos viam as cores: Alexander, Caroline. "A Winelike Sea Homer's famous "wine-dark sea" has left scholars wondering: how did the Greeks truly see the sea? LAPHAM'S Quarterly: Disponivel em: <https://www.laphamsquarterly.org/sea/winelike-sea?fbclid=IwAR1hLm4zEgVE-1HwEp29xz7eb69KJ-Iljl8DsIbFqNnBF2E-RcKK7NoQ5sA> Acesso em 21/09/2019.

em sua essência -- poderá realmente vir das prescrições acima, da loucura e da confiança na divina Deusa como capazes de prover a sabedoria que se segue aos períodos de analfabetismo?

Neste caso, concluiremos que não vêm a ser todas as imagens que devem ser tomadas como ruins (κακοὶ, 87b) na lógica platônica. Se, no ato de colocar em movimento a cidade ideal (19b-c), Timeu mimetiza o discurso de Sólon, isto é, se sobretudo Platão em sua obra se utiliza também da mais criticada *mimesis* (cópias), e dos *eidolon* (ídolos ou phantasias) (605b-c) para fazer valer a confiança na Deusa é porque estas imagens talvez possam sim prover a cura da doença que surge não apenas na *República* onde Glauco aparece quebrado, e logo no início do *Timeu* (17a), mas também em nossa época. Que doença é esta? Talvez a doença seja a própria concepção de que, de um instante para o outro, possa surgir uma entidade capaz de prover a cura da doença. Ao menos é esta a conclusão a que chegamos na continuação do texto.

Primeiro, para que possamos nos sintonizar com a alma do *cosmos*, será recomendado restringir as imagens a apenas algumas. Serão tomadas como oportunas apenas imagens onde a coisa pensada, ou a imagem da coisa, e o ato de pensá-las cheguem a coincidir[17]. A partir destas considerações, podemos nos perguntar se, assim tomados como co-pertencentes, ser e pensar nos farão voltar a uma atmosfera parmenídica, na qual a Deusa não seja apenas imagem mas ato de fala que ordena: — "Siga éguas, e não vá pelo caminho do não-ser pois ele não é". Nesta atmosfera, a música das esferas talvez pudesse voltar a começar a ser ouvida pois, para chegar a ouvi-la, aqueles que desejam fazê-lo precisam antes pensar um pensamento capaz de se afinar com o Ser. Mas pensemos: música — a gente pensa[18], ou a gente dança? Caso o pensar se refira a um movimento que nos fixe em uma imagem[19] será preciso expurgá-lo em nome da dança (40c). Haverá quem aceite a rígida postura de Sócrates de condenação das artes como, na verdade, um apelo à liberdade da dança que se realiza via dialética. Para tentar compreender a razão deste apelo, buscaremos nos situar nas artes que Platão, ao contrário das que ele expulsa na *polis*, teria referendado como úteis à *Kallipolis*.

E quais são as artes defendidas pelo fundador da Academia? Segundo Schuhl, seriam três estas artes: 1) uma arte *grega mais arcaica*; 2) a arte dos egípcios (afrescos e arquitetura); e 3)

17 "Aquilo que pensa semelhante ao objeto pensado (τῷ κατανοουμένῳ τὸ κατανοοῦν) de acordo com a arcaica *physys* (ἀρχαίαν φύσιν) e, depois de ter feito esta assimilação, atingir o sumo objectivo de vida estabelecido aos homens pelos deuses para o presente e para o futuro (ὑπὸ θεῶνἀρίστου βίου πρός τε τὸν παρόντα καὶ τὸν ἔπειταχρόνον)." (90d)

18 Platão, nas *Leis*, realiza o seguinte comentário sobre a necessidade das danças para a *polis*: "Nas festas, dirigidos pelos deuses, quando se dança e se canta com ritmo e harmonia, os homens se entrelaçam uns aos outros, se movimentando de forma bela –como nenhum outro animal é capaz de fazermos grupos que chamamos "coros" , e este nome teria surgido, precisamente, por causa da alegria que nos proporciona (654a1-5). Assim, daqui conclui o ateniense que o homem bem educado é aquele que participa dos coros sendo capaz de dançar e cantar de forma bela (654b6-7). Portanto, devido a isso, diz o ateniense, devemos, à maneira de cães no rastro da caça, daqui em diante, procurar o belo nos coros, na dança e no canto e, se esta beleza nos escapa, será em vão tudo o que dissermos a respeito da verdadeira educação, seja helênica ou bárbara (654e3)" (*apud*. Benoît).

19 Sobre a questão da diferença entre *eicon* e *mimesis* em Platão, Sobrinho considera que enquanto o termo *eicon* sinalizaria para o que há 'por trás' da imagem, o termo *eidolon* fixaria o movimento da visão. Tratar-se-ia de um problema de movimento do ponto-de-vista portanto os dois termos criticados por Platão: na exposição da imagem enquanto *eidolon* o olhar ficaria refém do que vê, fixando-se, a exemplo do que acontece nos casos de idolatria. Já no modo de exposição que se pauta pelo *eicon* uma imagem seria capaz de manter o encoberto disponível para ser descoberto. Nesta perspectiva, 'um ícone' nunca seria 'em si mesmo' mas sim por referência a outro ou outros fenômenos que podem ser desvelados junto à imagem em questão. (SOBRINHO, Rubens. Deus sem Ser e Ser divino. *Educação e Filosofia,* v. 30, n. Especial, p. 151-167, 2016. ISSN 0102-6801. DOI: <http://dx.doi.org/10.14393/REVEDFIL.issn.0102-6801.v30nEspeciala2016-p151a167>. Acesso em 11/12/2108.)

as obras de Policleto[20]. Também a música, a exemplo da música das esferas, dos hinos e dos encômios seriam bem vindos na cidade ideal. Permanece uma questão quase insolúvel para grande parte dos helenistas a questão de qual seria a arte mais arcaica que Platão endossa. Adiante, no desenvolvimento, *proporemos ser esta arte senão a arte que teve lugar no Matriarcado Minoico.*

Reflitamos agora a respeito de qual vem a ser o ponto em comum entre as artes destacadas por Platão como atinentes para a melhor cidade. Será que elas seriam assentadas não na *mimesis* ou em ídolos, mas naquilo que surge como mais essencial desde o *Livro X*, a saber: o âmbito dos mistérios? Estas artes conseguiriam, por um lado, deixar evidente a existência do mundo dos mortos, e, por outro, se ater à necessidade de transpormos o corriqueiro esquecimento de que aprender a morrer seja mais importante do que simplesmente viver, conforme o postulado de Sócrates acerca do modo de ser do verdadeiro filosofar. A fim de lembrar da nossa alma como uma entidade divina e imortal que Platão teria nos orientado à redescoberta destas artes. A verdade da alma como imortal deverá aparecer nas artes para que estas possam ser indicadas como Panteão da verdade.

Para tanto que conviria não dar atenção ao falso mas apenas ao verdadeiro: e a retórica será ainda mais precisa quando afirmar -- que, ao seguirmos apenas o verdadeiro, nós sempre estaremos do lado dos que terão ganho. Na luta contra os titãs, em especial contra *Poseidon*, a Deusa ganhará sempre *porque*, enquanto na cidade do Deus dos mares há muita ostentação, ou seja, coisas que não visam o pensamento mas apenas a exposição das conquistas realizadas para serem olhadas, na cidade de Atenas, o que serve ao saber e o próprio saber voltariam a coincidir. Sob este prisma, a Deusa Atenas só virá a ser ouvida novamente quando tivermos percebido o quanto a sabedoria é e será, por todo o sempre, superior à ignorância.

A fim de salvaguardar o lugar da sabedoria frente ao caráter despótico dos desejos (ἐπιθυμιῶν, 77b), além do mais, será preciso encontrar-se a medida da verdade como *aletheia*. *Aletheia é desvelamento, ou retirada de um véu que se retira no movimento em que é descoberto como um véu.* Talvez esta experiência soe estranha aos imersos na falta de sabedoria que rege a técnica. Saber previamente que as imagens serão retiradas em proveito de um instante onde será visto o que terá permitido a estas imagens ser: é a estratégia de Sócrates para nos fazer pensar no modo como, em todas as coisas, nos movimentos mesmos de colocação e de retirada de imagens, podemos estar consoantes com as deidades que terão permitido às imagens de ser. Fazer nos movimentarmos em uma ambiência onde as coisas mais do que falem: se revelem como tendo autonomia, e possam ser compreendidas, em outras palavras, como a alma de uma divindade em plena potência; e que pode nos deixar descobri-la, ou não -- *aí* será o véu pertinente também à divindade atentarmos que o permitiu, ao véu, ser. Neste movimento amoroso com a totalidade, a medida será atentamos para o caráter fugidio do véu passível de desvelar-se como a redescoberta do lugar de acontecimento da verdade. A atenção se aguça neste movimento incessante de descoberta que é a retirada do véu em que vêm sendo impressas imagens. Neste movimento, o cotidiano se transforma em sombra de uma situação cósmica onde é possível saber que o véu encobre a si mesmo quando, por meio dele, imagens surgem. O princípio por meio do qual devemos ser tomados, se acaso quisermos nos deixar ser tomados pela experiência filosófica em jogo na crítica às imagens que Sócrates levanta é descrer de qualquer fixidez. Toda fixidez se quer no poder[21]; uma divindade feminina, ao contrário,

20 *Apud*. Schuhl, Pierre-Maxime. *Platão e a arte de seu tempo*. Trad. Adriano Machado Ribeiro. São Paulo: Discurso Editoria: Editora Barcarolla, 2010, p. 29-37.

21 Cito Ouro, 2015: "Mesmo que não sejam originais, as imagens podem se apoderar de nossa alma, controlando-nos desde nossos apetites e nossos desejos." (p.159)

pode permitir-nos salvaguardar o poder da mântica, ou da clarividência do instante em que o véu se revela como véu, e as luzes que o tornaram possível se tornam nítidas.

Terá sido por isto que a *mimesis* terá sido referida como distante "três passos da verdade"? Por conta da estratégia socrática de causar a retirada de um véu, a saber, que o impedia à realização do projeto de afirmação da imortalidade da alma como símbolo máximo da verdade, qual seja, de que a justiça divina seja inelutável? Com isto, o filósofo não terá querido invalidar nossa capacidade de ver a verdade a partir de imagens, mas terá tentado apenas aguçar esta capacidade e isto em proveito do acontecimento da visão da verdade mesmo. Mas, convenhamos, "três passos" não seriam, justamente, a distância necessária para apreciarmos uma obra de arte como uma obra de arte, ou, quem sabe, *o véu* como reflexo de uma deidade? Poderemos experimentar estas possibilidades de leitura junto às imagens do matriarcado minoico. Para tanto, teremos em vista o seguinte: saber se, por meio destas imagens, poderemos, junto a elas, nos confundindo mesmo com elas, saber sobre o vir a ser de uma Deusa que ainda é sem nome.

2. Desenvolvimento: A Hipótese do Matriarcado como Berço mais Arcaico da Civilização Grega

A hipótese do Matriarcado das *Minoans* como berço dos deuses gregos é corroborada pelas descobertas arqueológicas de Vernant (2018), de certa forma recentes, que apontam no sentido de evidenciar a existência de uma continuidade linguística mas também estilística entre as civilizações minoica, micênica e ática. As últimas a falar as línguas ou dialetos onde se revela o *nous* que intitulamos de feminino divino[22] teriam sido as sacerdotisas de Dodona (PLATÃO, 1903, *Phedro*, 244) e de Atenas (GIEBEL, 2013). Além da forte influência arquitetônica que a civilização minoica teria exercido sobre a micênica, o arqueólogo francês chegou a atestar que escribas cretenses teriam sido importados de Creta para as Civilizações Micênica e Ática[23] durante um período de grande imigração que teria durado dois milênios. A necessidade de que as posses dos palácios, e não dos reis, tanto micênicos quanto áticos (VERNANT, 2018, p. 36) teria feito com que esta técnica viesse a ser muito elogiada acompanhando Platão fossem registradas e dos escribas minoicos terem se mostrado como a *avant-garde* desta arte, a estereometria financeira, que teria florescido no

22 É possível demarcar brevemente nossa diferença com relação ao projeto feminista de Blanco (2009): enquanto esta busca situar-se no paradigma da fenomenologia de Husserl, para quem o *nous* é fundamento primeiro, nós buscamos nos situar no paradigma de um *nous* de início feminino. Para realizar este projeto, foi preciso que investigássemos o *nous* em uma mulher, que quis ser Safo (seu nome de nascença era possivelmente outro). Esta segunda pesquisa, publicada sob o título de *Fenomenologia de Eros e de Afrodite em Safo*, e se encaminha para pensar o pensamento, o *Nous* em Safo a partir das seguintes noções: 2003, "noema" (νοημμα) (frag. 25, p. 59); "noon" (νοον) (frag. 86, p. 111); nun, (νυν) (frag. 14, p. 143); noema, (frag. 6, p. 159) ; e, finalmente , [n]on ([ν]ων) (frag. 10, p. 41). Cabe sublinhar, ainda assim, que o âmago de ambas as pesquisas (a de Blanco e minha) reside no pensar e no valorizar um *nous* que se sabe e se quer feminino. É oportuno distinguir que o *nous* que buscamos se realiza como lugar de acontecimento de deuses. Neste sentido, cabe, finalmente, antecipar a descoberta do *keinos* como lugar de acontecimento deste divino, e isto tanto a partir de Safo (Cf. 2003, 31, p. 21) quanto no poema a Ilíada de Homero quanto nos povos indígenas, a exemplo dos Yanomami (*Cf*. KOSMOS SOCIETY, 2018).

23 Dado hermenêutico passível de ser atestado também no âmbito dos vários achados arqueológicos, sobretudo anéis de origem cretense que foram encontrados ao longo do continente ático. Cf. Imagem 05, estudada abaixo.

Mediterrâneo dois milênios antes de Cristo[24] esta técnica muito elogiada por Platão (54). Foi este o fator que teria mais determinado a imigração das sacerdotisas que, acompanhado os escribas em algumas destas viagens, chegaram a realizar exorcismos no Egito Antigo, como atestado por Alexiou: "Em um papiro egípcio do XIV a.C. foi preservado um exorcismo terapêutico minoico." (1960, p. 102).

Estas descobertas já tornaram evidente, ao menos para uma arqueologia *contemporânea*, a influência que teve o matriarcado minoico, seus escribas e talvez seus aedos[25] no legado de técnicas arquitetônicas e de cálculo de volumes na constituição do horizonte, senão exatamente grego, ao menos micênico e pré-ático. Sobretudo as características palaciais e aristocráticas que tanto irão resplandecer no horizonte civilizacional grego, já teriam surgido em Creta mil anos antes do primeiro registro escrito dos poemas homéricos (720 a.C.)[26]. Estas descobertas confirmam a hipótese defendida por Eudoro de Souza já na década de 1980 (2004), segundo a qual o matriarcado minoico seria o verdadeiro berço das deusas do panteão grego[27]. Haveria ainda na linha genealógica que apontaria para o legado do silabário minóico, o chamado Linear A ou dialeto Arcaico-Cypriota (ANDRADOS, 2005, 77-78), mais que um sistema linguístico ainda não decifrado, um modo de lidar com o divino feminino que partiria do respeito mútuo para se desenvolver, e que pôde, segundo defendemos, ser legado junto à imigração de escribas cretenses para o continente ático. Este modo de lidar com o sagrado feminino, como já referido, teria sido herdado pelas sacerdotisas de Dodona que Platão, não por acaso, sinaliza como provedoras de grande sabedoria (*Fedro*, 244) como já referido.

3. Outras questões metodológicas

Tendo em vista que a hipótese aqui defendida — da Era Minóica (SOUZA, 2004) como berço mais arcaico da Civilização grega — decidimos começar nossa reflexão enaltecendo outras pesquisas que vêm apostando na lógica matriarcal como um manancial único, última saída talvez capaz de

24 Vide quadro cronológico abaixo no Anexo 1.

25 Cito Souza (2017, p. 54-55): "A descoberta de dois mundos, a civilização minoica e a micênica tem um impacto muito forte nos estudos da *Ilíada* e da *Odisseia*, sobretudo a partir do século XIX. Esse impacto tem como principal consequência a descoberta de que elementos das narrativas homéricas não eram mera ficção poética, mas possuíam uma existência histórica anterior, bem como um panorama civilizacional relacionado à própria guerra de Troia. A profundidade temporal dos poemas homéricos é, então, dilatada pelas descobertas arqueológicas, e passa a ser analisada em relação a elas."

26 *Cf.* Souza, 2017.

27 Talvez não seja um total despropósito afirmar que, além do silabário e dos poemas homéricos, o registro escrito que mais nos aproxima do matriarcado minóico seja o poema de Parmênides *Peri Physis.* Onde a deusa diz: "*..to gar auto noein estin te kai einai"*, o mesmo o ser e o pensar (frag. 05). Reflitamos: será que a deusa que nos convida à habitar no pensar, mas também a nos alegrar (χαῖρ', *kair'*, frag. 01, linha 25) tem origem minoica? (PARMENIDES, 2018). Esta hipótese será defendida em um momento oportuno, mas talvez já caiba aqui antecipar alguns dos elementos ao menos do frag. 01 que corroboram com nossa hipótese, a saber: além da protagonista do poema ser uma Deusa que nos convida a ser no pensar e a nos alegrar, quem leva o *kouros* ou "aquele passível de ser atingido pela graça" (Vide Anexo III, *keinos no poema de Safo — "keinos* é quem está no lugar do acontecimento do divino, isto tanto em Safo quanto também na *Ilíada* e nos povos Yanomami (*Cf.* KOSMOS SOCIETY, 2018, *op. Cit.*), sendo desperto para a presença da Deusa. No poema parmenídico temos o rastro nominoso que defendemos como parte da herança minoico nas seguintes imagens: "posto que são moças" (linhas 05 e 20) "que dirigem o caminho, chamadas também de virgens Filhas do Sol" (linha 8).

dar uma basta na violência empregada na Era patriarcal. Para enfrentarmos o argumento de que os homens sempre estiveram na dianteira do avanço civilizacional, e isto mesmo antes do advento da poluição, trazemos a seguir outras pesquisas que, *símile* a nossa, partem do enaltecimento do feminino na criação de comportamentos que foram o estopim de grandes avanços espirituais, e que podem voltar ser. O exemplo das avós dos *homo sapiens* cujo cuidado foi capaz de promover o avanço para o *sapiens sapiens* vem ao caso[28] (POOLE, 2018).

3.1 As primeiras matriarcas

Segundo Poole, a humanidade não teria surgido enquanto não tivesse tido lugar o cuidado das avós dos *homo sapiens.* Seriam estas avós, por passarem a se dedicar aos netos, que teriam viabilizado a transformação das estruturas cognitivas do *homo sapiens* para as do *homo sapiens sapiens*. Sob este ponto-de-vista, aquilo que viria a ser mesmo "revolucionário" na suposta "evolução do *sapiens sapiens*" teria sido não o tamanho do cérebro, tampouco o advento do dedo polegar e do indicador ou mesmo as novas tecnologias, a exemplo da roda e do fogo, mas o cuidado atento que algumas avós puderam manter com os netos. Poole levanta duas hipóteses: 1) De ser na medida em que este cuidado pôde ser permitido que, ao restante da comunidade, ocasionou ter-se mais tempo para caçar. Teriam sido então as melhores condições nutricionais que teriam facultado o advento de um cérebro maior, no caso, dos *sapiens sapiens*, sendo esta vantagem o que teria finalmente facultado no advento do sacerdócio, da agricultura, e até de uma linguagem mais rica, assim como do pensamento; estas realizações não teriam sido possíveis sem o amor dedicado realizado por estas primeiras avós. 2) A segunda hipótese levantada por Poole considera que a chama do coração destas primeiras avós[29] que teria não apenas permitido à comunidade ter mais tempo para si. A realização do amor destas avós teria também sido a causa primeira do florescimento de virtudes, a exemplo da solidariedade, da compaixão, da paciência mas sobretudo do poder de realizar uma escuta atenta. O bastião que estas avós teriam sido que teria, pois, promovido uma primeira atenção plena. Foi assim que este pôde se realizar como humano e, posteriormente, como Ser[30].

A partir da defesa do papel das avós na pré-história, é possível considerar, inclusive, como estranha a perspectiva que vingou em grande parte dos manuais de história — acerca da evolução da humanidade ter como protagonistas majoritariamente homens que, partindo de um ponto

28 Desconfiamos de que uma redescoberta do poder transcendental a que pode nos levar a Deusa que existiu e resistiu por tanto tempo em Creta permitiria-nos uma revolução de proporções equivalentes ou mesmo maiores do que a que permitiu ao *homo sapiens* advir como *homo sapiens sapiens.*

29 No mito grego de *Hécale* ainda temos indícios das virtudes destas nossas avós ancestrais. Trata-se de uma avozinha que simplesmente acontece no meio do caminho que Teseu teve que trilhar para encontrar glorioso destino, ou a morte nos terríveis chifres do touro de Maratona que Hércules teria trazido vivo de Creta. Ele nem a conhecia. Sentou-se junto à sua hospitalidade guardando silêncio. Na hora da despedida, ela: "Vendo-o jovem assim, quase uma criança, acariciou-o na face. Queria muito beijá-lo como se ele fosse um filho, mas não pôde, pois o rosto estava molhado em lágrimas." (STEPHANIDES, 2015, p. 81). Ali, o amor nascera. Quem senão uma senhorinha para expandir-se assim, na falta, no pouco, no quase nada? Teseu mata o touro e volta, mas Hécale se fora. Perseu faz erguer no lugar um santuário. Somente o ser de uma senhorinha poderia servir a tamanho encanto — ao ver o herói grego como uma criança — é ela mesma uma criança inocente. E nesta inocência habita o grego desde então. Diz-se que os gregos, são eternamente jovens.

30 À questão da diferença ontológica entre Ser e Ente nos atemos em ARAUJO, 2007, Dissertação.

de vista meramente masculino, teriam chegado ao ápice do que somos nós. E isto desde a pré-história. Tanto no que diz respeito à origem greco-cristã de nossa história, quanto no que diz respeito à origem das virtudes humanas como fundadas em mandamentos, leis, ou mesmo nas reflexões de caráter filosófico que tiveram lugar em nossa Época, todas elas têm de início a necessidade de se asseverar o ponto de vista masculino, que busca se assegurar de si mesmo sem cessar, é o que deve ser ouvido. É precisamente contra isto que se chama *narcisismo etnocêntrico* que lutamos. Considerar o papel das avós na pré-história ou até junto às sacerdotisas minoicas no advento das virtudes humanas e até de deusas pode soar um absurdo, ou, ainda, algo meramente anacrônico. Mas não se tiver lugar em nossa história uma revolução tão grande quanto a que teve lugar na pré-história, e que foi hipoteticamente protagonizada pelas primeiras avós dos *sapiens*. Segundo a ciência nós vamos perecer. Pode parecer difícil, mas é fácil: bastará dar voz ao bom senso inverter a lógica que nega que as mulheres são capazes de promover conhecimento. Ao longo da história, a possibilidade de protagonismo feminino foi reiteradamente usurpada, sendo esta a causa fundamental da ascensão do patriarcado, isto é, do momento em que às mulheres não foi permitido pensar e ter voz, cabe-nos parar.

Apesar de discordarmos filosoficamente da perspectiva darwinista que se apresenta subliminarmente na hipótese defendida acima, esta perspectiva nos é cara e oportuna estrategicamente [31]. Isto porque, como já foi pontuado, falar das avós é bastante oportuno para promover em nós uma primeira reflexão sobre até onde o *nous* feminino será capaz de nos levar.

3.2 Auto-crítica

Enquanto incapaz de investigar os seus próprios fundamentos, a ciência não pode ter a última palavra no questionamento filosófico que levantamos aqui. Já a realidade junto a qual deusas puderam se mostrar em um solo pré-helênico é mais acessível. Resta-nos suficiente referências para o atestar. Esquecer que a posição que investiga também tem importância no advento do fenômeno é um problema que a investigação que se pretenda científica, em geral, não pode resolver. Assim, como, agora, o objeto investigado não é 'o que os cientistas pensam ou pensaram sobre o *nous* onde o amor pôde ter lugar em uma suposta pré-história', mas as insurgências do *nous* desde uma ótica feminina e feminista que investiga os seus fundamentos, é preciso retomar as questões de caráter metodológico no sentido de pensar o matriarcado minoico a fim de que possamos finalmente ascender a um pensar que possa nos dizer no que este matriarcado pode afinal nos ajudar.

A investigação do matriarcado minoico como origem das deusas junto as quais a filosofia, mas também as artes em geral teriam surgido se dirige para cerca de mil e duzentos anos antes do surgimento da filosofia. Esta possibilidade deve soar anacrônica, inusitada ou mesmo polêmica. E envolve uma discussão sem fim, e talvez sem cabeça, sobre o modo como o acontecimento histórico se realiza (vide a Tabela cronológica inventada por Artur Evas e por Nicolaos Platon, em 1935, onde comparticipam as cronologias cristã, egípcia e heládica no Anexo I). Uma questão que pode surgir imediatamente é: Se é impossível para um mortal conceber um milênio, quanto mais dois

31 Isto na medida em que esta perspectiva institui *a priori* uma história e até uma pré-história ainda não questionadas em seus fundamentos, cabe relevar aqui a necessidade de continuarmos a pensar estas hipóteses em outra oportunidade.

milênios? Talvez a seguinte questão torne mais próxima a possibilidade do matriarcado minoico ter influenciado o surgimento das deusas gregas e logo das artes e da sabedoria que as prezam em seu vir a ser: no tempo de vinte gerações pode se manter viva a chama ou a sabedoria de uma Deusa? É mais ao plano divino mesmo que talvez seja oportuno recorrer: pois aqui estamos há dois milênios sendo perpassados pelo cristianismo e ninguém acharia um absurdo sociedades predominantemente orais tê-lo como referência. O argumento que considera a distância temporal cronológica um impeditivo para pensarmos junto às minoicas é um argumento ultrapassado. Parte da impossibilidade de nos situarmos na origem mais arcaica de nossa civilização. Este argumento é falacioso para quem sabe que tudo o que terá chegado até a filosofia pode ser de novo legado.

Ousamos cogitar a hipótese da existência de um copertencimento entre o sagrado feminino minoico, a decadência desde sagrado na civilização micênica e, por fim, a insurgência das divindades femininas que se fizeram tão presentes na Hélade sobretudo a partir da protuberância solar da figura da Pythia ou Pitonisa (GIEBEL, 2013) que teria tido fim o matriarcado e a consequente ascensão do cristianismo. Isto a ponto de podermos nos perguntar em que medida não terão sido colocadas em rota de fuga as Deusas justamente a ascensão das santas e das anjas. Em meio a certos eventos históricos como o cristianismo que amarra todo e qualquer advento do sagrado à figura da santa ou a da bruxa pecadora chegamos reiteradamente a perder a chance de voltar a ouvir a Deusa. Disto Cristo ele mesmo talvez gostasse de saber mas para livrar estas entidades divinas dos rótulos aos quais os pecadores as submetiam e ainda submetem. Cabe aqui finalmente uma questão de caráter metodológico: em que medida permanecendo no âmbito desta dialética, que soa quase incontornável para nós mulheres contemporâneas com aptidão para a transcendência, podemos nós, vir a ser pensadoras de uma Era cristã que subitamente pôde passar a se conceber como detentora de um pensar capaz de suprassumir esta Era em proveito de outra? Antecipamos que não serão necessárias técnicas de evocação do sagrado feminino para podermos ler os afrescos, os anéis e as tabuinhas onde a Deusa terá se apresentado de um modo bastante convincente. Bastará uma atenção plena. O saber de que só é possível saber e pensar isto agora em virtude da abertura promovida por algumas rezadeiras africanas que ainda podem ser ouvidas por quem já tenha a referida atenção plena. Talvez na prática se abra um horizonte de realidade em que Deusas voltem, mais do que a falar, a serem ouvidas. Observemos que, se elas são Deusas, elas nunca deixaram de falar. O problema é nós que deixamos de as ouvir. Daí se deduz que somos nós que temos muito a aprender, ou talvez a reaprender.

É sobretudo para ir contra o soterramento do sagrado feminino que escrevemos, e realizamos a seguinte decisão de caráter metodológico: de que a nossa investigação comece tão somente pelo que denominamos de genuinamente cretense. A tarefa final, de decifrar o Linear A assim como de traçar a decisão final acerca do modo como as relações entre a cultura grega e o advento das Deusas e sacerdotisas minoicas se deram nós deixaremos para o leitor. Aqui pretendemos apenas levá-lo até onde o nosso parco conhecimento arqueológico, absolutamente amador, permitiu chegar. A leitura que vamos realizar das imagens junto às quais vieram a nós primeiramente as entidades de origem Cretense peca certamente por se manter, e não se manter ao mesmo tempo, apenas na ordem do discurso filosófico, não se comprometendo ainda com a realização das danças onde o sagrado feminino certamente haveria de se mostrar em toda a sua pungência.

As nove imagens de que nos acercamos para pensar são aqui lidas a partir de um método de leitura elaborado a partir das considerações platônicas, por sua vez, alinhadas por Sobrinho

(2016, *op. cit.*). Buscamos nos situar nos *ícones* (imagens) da arcaica Civilização das *Minoans* não como imagens 'em si mesmas' mas como imagens que nos permite antever o que pode ter existido por trás delas. Cabe enfatizar a necessidade de nos elevarmos à possibilidade de ouvir/ver os fenômenos (*phainomenon*) divinos como um vir-a-ser do que habitava por trás das poucas imagens a que temos acesso e que ressoam desde a seguinte pergunta — *ao desde onde* a imagem acontece, podemos ter acesso? Tratar-se-á, aqui, bem mais do que de um exercício estético, de uma pesquisa sobre os fenômenos a partir dos quais uma Deusa, ou Deusas, já vieram a ser. Tomamos como pressuposto teórico que, a partir de uma postura fenomenológica, as questões filosóficas que vêm surgindo podem perfeitamente serem respondidas a partir de imagens[32].

4. Desenvolvimento: Análise hermenêutica das Imagens remanescentes do Matriarcado Minoico

Nosso intuito a partir de agora será trazer imagens da Era Minoica a fim de que estas imagens possam falar por si mesmas. Deixar evidente todo o significado desta Era para o advento do milagre grego é o nosso *goal*. Será preciso sustentar, para tanto, a hipótese de que este momento histórico, em que floriu uma civilização exuberante e matriarcal, talvez possa voltar a entrar em sintonia com o nosso momento histórico. Se a nossa hipótese estiver certa, isto é, se durante pelo menos três milênios existiram sacerdotisas reinando junto a técnicas sofisticadas, tanto de arquitetura, quanto de navegação e mesmo de economia não há porque esta Era não voltar a ser. Se não havia alfabeto, e sim uma escrita baseada em um silabário hieroglífico, houve disponibilidade para a beleza e para a alegria como nunca mais na história da humanidade.

Cabe pontuar, antes de darmos início à hermenêutica em questão, que estamos alinhados com o sumo da perspectivas sociológicas e antropológicas contemporâneas. Consideramos como condição de possibilidade essencial da hipótese do matriarcado minoico aqui defendida a certeza de que nosso vir a ser só foi possível em razão do matriarcado que reina no samba ser-nos não apenas referência constante mas o fenômeno sociológico que terá nos permitido normatizar as relações de modo a tornar de novo possível a apologia à alegria o norte do vir a ser da última virada epistemológica que requer a humanidade para vir a ser super-humanidade. Se sustentamos que as sacerdotisas *minoans* tiveram o papel que tiveram, foi por termos conseguido ver, atrás das imagens reunidas a seguir, os rituais apofânticos que, além de evocar a Deusa, teriam sido capazes de tornar as lideranças em destaque ressonantes, pelo menos, até a decadência da tragédia e ascensão do platonismo. A partir de uma disponibilidade semelhante, buscaremos, a seguir, traçar um desenho do pensamento (*nous*) feminino que reinou durante três milênios no centro da Terra. As condições de possibilidade para esta proeza? Vejamos:

32 Uma das hipóteses desta pesquisa, de que Platão teria recomendado as artes egípcias em virtude da capacidade destas de revelar o mundo depois da morte também cabe às artes das *Minoans*. Segundo BC Dietrich (1997), "a imagem teria permitido os mortos de aparecerem fisicamente em uma forma bem menor, com asas entrando no Hades. As *eidolon* de asas, que teriam chegado a serem comparadas com a alma de pássaros ('Seelenvogel'), teria se tornado um tema popular também em vasos pintados do século 8th/7th ao 5th." Esta parece ser também a posição de Schuhl (2010, *op. Cit.*), que sustenta que Platão teria em vista justamente esta arte, a dos vasos panateicos, quando teceu elogios a uma arte grega arcaica.

Imagem 1 - "Taça do Amor", Afresco, Antigo Afresco do Palácio de Cnossos, Creta, Grécia 1600 a.C, Era Minóica.

Análise da Primeira Imagem: Há neste afresco uma amostra de como a feminilidade é no matriarcado Minoico — as mulheres têm orgulho, as mãos para o alto prestam reverência recíproca, usam vestes coloridas, e uma, a que porta asas, possivelmente terá desempenhado o papel da sacerdotisa que ensina a outra a reverenciarem-se mutuamente. Nesta imagem em particular, não portam joias, em compensação, sentam-se em banquinhos acolchoados. Supomos que a que porta asas teria o papel de conduzir a outra à atmosfera, a um só tempo *inocente*, o que é atestável por sua candura no olhar e *báquica*, em razão da mão em direção à taça postar-se como uma reverência a partir da qual a Deusa poderia talvez ter sido ouvida. Dietrich (1997) sustenta que a que porta asas teria possivelmente renascido do mundo dos mortos a fim de realizar uma última transmissão, talvez, acerca da imortalidade da alma. Cabe pontuar que nesta imagem em específico as sacerdotisas não ostentam algo que será preservado em outras imagens como uma característica genuinamente cretense, a saber: os seios desnudos. A ausência da nudez neste afresco em específico nos leva a supor que, em foro íntimo, elas não precisassem desnudar-se. Finalmente, podemos fazer notar que, outrora, como frequentemente agora, vieram a ser negras as sacerdotisas que teriam tido consigo o encargo de ensinarem às demais os segredos de uma sabedoria passível de advir da reciprocidade do amor.

Imagem 2 "Deusas ou sacerdotisas", Afresco, Antigo Afresco do Palácio de Cnossos, Creta, Grécia 1600 a.C, Era Minóica.

Análise da Segunda Imagem: As mulheres, neste afresco, ostentam os seios desnudos, olham

para o alto e portam joias. Duas sorriem. Suas vestes se destacam sob o fundo azul. A experiência onde são parece um transe, isto apesar da característica da inocência perdurar. Como já dito, a mamífera nudez teria sido usada, ou como escudo, ou como arma em razão delas não ficarem nuas em fórum íntimo. O elemento dionisíaco, segundo Eudoro de Souza (2004), seria latente nas minoicas, a ponto de podermos nos perguntar se talvez não desempenhassem estas sacerdotisas o papel de terem sido a origem das bacantes. Os movimentos de dança lembram as danças surgidas no Egito e também retratadas em afrescos e hieróglifos egípcios. Lembremos que, por enquanto, temos uma única frase decodificada de hieróglifos egípcios que trata das minoicas, a que considera as *minoans* mestres na arte de exorcismos. Agora podemos nos perguntar se no afresco "Deusas ou Sacerdotisas" elas estariam realizando exorcismos ou simplesmente uma dança talvez um pouco parecida com as danças havaianas.

Imagem 3 "Sacerdotisas e Bucrânio", Afresco, Palácio de Cnossos, 1600 a.C, Era Minóica.

Análise da Terceira Imagem: Em "Sacerdotisas e Bucrânio" temos três entidades femininas, ou talvez masculinas, brincando com um touro gigantesco: Esta espécie de touro, que não mais existe, terá tido um terço a mais de grandeza que os nossos touros atuais. Pelos olhos grandes, seu pêlo bem cuidado malhado, pela disposição aberta, das patas erguidas e abertas no espaço, vemos neste touro a plena denotação de liberdade. Parece que ele mesmo também diverte-se na festividade que teria ocasião de quanto em quanto tempo. Duas sacerdotisas brancas, e uma negra ou vermelha, assim como o touro, buscam apreender-se junto ao movimento de uma energia misteriosa. É nítido que a sacerdotisa ou sacerdote negro parece se divertir mais do que os demais. Torna-se cada vez mais nítido que esta última personagem está se divertindo mais a medida que notamos o seu pescoço arquear-se para trás, o que terá permitido a abertura de um sorriso de orelha a orelha. Deste afresco podemos depreender um fenômeno costumas nos poucos afrescos que nos restaram: do feminino em evolução na Era Minoica como se firmando com base na leveza de pés que surgem flutuantes. É nítido que as entidades retratadas, em um céu azul estão a flutuar. Durante muito tempo pensou-

se que os touros retratados teriam sido deificados em razão deles não serem ainda sacrificados em nome dos deuses, como chegará a acontecer já na época micênica. Saber participar das danças, vale dizer, parece ter sido a condição de possibilidade de deificação destes touros, tomados como dádivas que *Poseidon* teria dado ao rei Minos, no mito de Dédalos, antes que este viesse a construir a vaca, mas séculos antes de o próprio rei Minos e sua história virem a ser.

Imagem 4 "Anel de Isopata", Anel de Ouro, Heraklion Museum, Creta, 1500 a.C, Era Minóica.

Análise da Quarta Imagem: Vemos uma figura feminina ancestral bem no centro, talvez uma Deusa, com seios fartos. Em volta há flores e um pássaro, uma figura feminina totêmica bem pequenina, flutua, à direita. Há serpentes, e duas mulheres à esquerda adoram com as mãos reunidas e levantadas aos céus talvez a Deusa. Todas as entidades presentes portam saias gigantescas e iluminadas. São odaliscas, também têm os seios desnudos e a cintura fina. Parecem mover-se em um transe primaveril.

Imagem 5 "Cinco Deusas ou Sacerdotisas com Asas", Anel de Ouro, encontrado em Pylos, 1600 a.C, Era Minóica.[33]

33 Anel de origem cretense que foi encontrado ao longo do continente ático em 2016. *Cf* RAMANZOTI, 2016.

Análise da Quinta Imagem: Em "Cinco Deusas ou Sacerdotisas com Asas", chama a nossa atenção as asas que parecem dançar sozinhas frente a um portal. No subsolo há uma rede semelhante à do *Omphalo*, que, aliás, teria sido surrupiada por Apolo (GIEBEL, 2013). A energia desta rede parece derramar-se também sobre o céu, ou em direção ao céu. Como uma espécie de fonte luminosa, nesta segunda rede, a celeste, vemos nascer ainda pequenas palmeiras. As saias da esquerda parecem situar-se em um esvoaçante tropicalismo. É o contraste em relação às saias das mulheres da direita, que mais parecem sinos e que portam, ao invés de asas, chapéus, o que passa a chamar mais atenção quem se debruça sobre as imagens onde a diferença entre uma dança apolínea e uma dança báquica se torna nítida.

Imagem 6 "Epiphania", Anel de Ouro, Creta, 1600 a.C, Era Minóica, In: Evans, AM1938.1127. CMS VI.2 No. 281 [CMS])

Análise da Sexta Imagem: Em "Epiphania" temos, além da figura feminina que transcende tudo o que podemos chegar a saber sobre a potência do órgão sexual feminino para se expandir, uma figura masculina com um *phalo* e um arco erguidos [34]. É possível que a figura masculina na leitura proposta anteriormente sobre o Timeu de Platão porte uma cabeleira rastafari? Terá sido este órgão sexual, à semelhança da Terra para o Demiurgo, o que pôde promover o arqueamento da figura masculina que voa? Esta figura, apesar da diminuta grandeza frente à grandeza real da figura feminina, até que aparece bem ereta, com o seu bastão. Seus cabelos, mais flutuantes do que a própria personagem, se situam em sincronia com a gata que se mantém eriçada sobre o teto do palácio à direita. Há discordâncias sobre se seria esta construção um casebre ou um templo. Felicíssima, a gata, apresenta uma candura muito semelhante a que costumam ostentar as sacerdotisas, como o demostra as imagens 1 e 2. Bela e acolchoada é a saia da sacerdotisa-Deusa: os babados desta saia parecem com as translúcidas criações de caráter erótico de uma Pomba Gira[35]. O que nos chama mais a atenção, conquanto, é o casebre que parece com um portal ou ainda uma nave espacial. Em seu interior, tem destaque um volante ou um bastão de dança. *Pole dance*? Não diríamos. A seriedade da sacerdotisa nos convoca a pensar em uma atmosfera mais primaveril do que de salão. E como as sacerdotisas ofereciam mel para os convivas em dias de festa já houve quem interpretasse

34 Uma questão oportuna é acerca da possibilidade da imagem ter retratado de forma fidedigna o chamado útero da terra (No *Timeu*: ὑποδοχὴν [49a] τῆς χώρας [52a]). Investigaremos em uma momento posterior se esta imagem, a sexta, terá ou não desenhado pela primeira vez na história o receptáculo ou útero da terra (*Khora*) de uma forma que não destinada a ser objeto de gozo de qualquer patriarcado. Esta forma, propriamente arcaica, poderá trazer clareza quanto ao poder ter sido colocado nas mãos das matriarcas assim como do porquê de os homens gregos virem a ser retratados com o *phalo* pequeno. Poderíamos ainda traçar comparações entre a aparição das sereias do *Livro X* e o matriarcado Minoico, mas esta possibilidade interpretativa deixaremos para uma outra oportunidade.

35 Pomba-Gira é o nome da entidade da umbanda capaz de baixar nas sacerdotisas com poder mediúnico.

o casebre como, na verdade, uma colmeia, e a sacerdotisa uma abelha rainha. A semelhança entre a textura da parede do templo, a saia da sacerdotisa-Deusa nos faz pensar tratar-se de um templo que recebera previamente as bençãos desta sacerdotisa. Seria o templo, que, aliás, divide o anel em dois, um portal para a onisciência? Em caso afirmativo, estará aí a explicação do *como* e do *porque* terá a Civilização minoica podido ficar por tanto tempo em segurança sem o auxílio de armas. É a onisciência o que terá mantido as minoicas em segurança, no meio do Mediterrâneo, por pelo menos três milênios? Essa possibilidade contém como fundamento uma ontologia, digamos não propriamente ontológica, na medida em que o Ser não teria sido concebido enquanto tal ainda, mas sim *physica* ou da *physis*, isto é, rigorosamente anterior ao nascimento do Ser. Este fenômeno adventício, ou ainda do Espírito como nos orienta a pensar a expressão de Snell[36] é o que mais nos faz sustentar o paradigma minoico como inequívoco manancial de uma hierarquia a partir da qual os deuses olímpicos e titânicos puderam vir a ser. Nesta hierarquia, receberia o maior posto as sacerdotisas que, desde pequenas, teriam sido educadas com base no respeito mútuo.

5. Análise de Imagens -- Últimas considerações

Não se tratou aqui de fazer como alguns já se propuseram: ensaiar uma reprodução do cenário das *minoans* a fim de alcançar a atmosfera de mulheres que se destinaram a um cuidado mútuo e privilegiado, já que guiado pela Deusa. Tratou-se, antes, de tentar deixar a Deusa ser aqui a guia. Para tanto, abrir uma clareira foi preciso.

Sobre as imagens sétima (Quadro Cronológico feito por Sir Arthur Evans), assim como a oitava, a nona e a décima (esculturas) que se encontram nos Anexos I, II, e III respectivamente não traremos interpretações. Além disso, decidimos trazê-las em silêncio, a fim de que o leitor possa por conta própria tecer os comentários que julgar pertinentes. Se a análise que se deteve sobre as imagens do Matriarcado Minoico não chegou a dizer tanto quanto gostaríamos acerca da influência da Civilização Minoica no advento do panteão grego, elas também não disseram pouco. Terá sido a descoberta da onisciência o que terá levado esta civilização a não perecer em meio a tantas outras civilizações e por tantos séculos? Pelo que pudemos depreender, enquanto estas outras civilizações, sem exceção, se basearam na violência para se expandir, a Minoica terá se baseado apenas no respeito.

Quando comparamos estas imagens com as de nossa Era, podemos ficar ainda mais surpresos. Porque desde a Era das *Minoans*, parece não ter havido mais representações, nas artes, de mulheres livres e felizes. Talvez seja por isso que Platão tenha nos orientado a testemunhar a verdade por meio de uma arte mais arcaica? Em virtude da verdadeira felicidade a que podemos chegar pela via de uma ética também arcaica? Para o Sócrates do *Livro X*, a questão é um pouco mais ampla do que a falta de felicidade que as artes que lhe terão sido contemporâneas atestam: se trataria de enaltecer o poder das artes de revelar a verdade, qual seja, acerca da existência do mundo dos mortos, ou de vida após a morte, ou até, quem sabe, da potência humana para expandir-se rumo à onisciência.

36 "Descoberta do Espírito" (1992).

6. Platão e o Matriarcado das *Minoans*

A seguinte questão se anuncia como pertinente para terminarmos este breve ensaio: Será a Creta nomeada mátria em *República* 575d7 a mesma que se nos apresenta como um tempo-espaço onde o feminino não apenas tem lugar mas é referenciado na medida em que pode ter sido tomado pelo filósofo ateniense já como capaz de promover uma arcaica ausência de fronteiras onde arte, filosofia, política e religião são um e o mesmo? Terá o filósofo cuja última obra, as *Leis*, situa-se em Creta, onde também teria existido Zeus, como nós, descoberto os afrescos das matriarcas cretenses falado em nosso texto através da técnica da psicografia? É pouco provável. No entanto, é impossível deixarmos de considerar a mitologia presente no *Timeu*, acerca do poder de luta e de resistência dos povos gregos, como tendo durado nove séculos, como capaz de nos remeter às *minoans*. Como os dórios só irão colonizar a Grécia a partir do século XII antes de Cristo, é bem provável que esta mitologia seja perfeitamente atinente à Civilização Minoica. Ao modo como Platão teria sido influenciado pelo Matriarcado das *Minoans* poderemos retornar futuramente.

E se Sócrates se opõe à fala dos poetas no final da *República* não terá sido porque Platão ele mesmo terá alcançado uma onisciência semelhante a das matriarcas cretenses que o tornara capaz de julgar a justiça propagada por estes poetas como, apesar de real, incapaz de nos fazer retornar para um plano onde o divino feminino tivesse tido sido respeitado, como no matriarcado minoico? Ou quem sabe terá conseguido o nosso filósofo, a partir das reverências que prestou à Deusa da sabedoria, alcançar o pleno exercício do filosofar, de modo a conseguir fazer valer um patamar de respeito às sacerdotisas que, por sua vez, o terá feito vislumbrar a possibilidade de um eterno retorno base de uma felicidade passível de ser expandida por meio destas divinas mulheres? Afinal, impedir o retorno das atrocidades às quais estas mesmas sacerdotisas foram submetidas, como testemunham as tragédias gregas, terá surgido como uma possibilidade para o filósofo? Caso os últimos momentos do matriarcado não se lhe tivessem sido apresentados como uma necessidade cósmica no *Timeu*, como justificar o aparecimento de tantas entidades femininas na obra de filosofia mais comentada da História? Os indícios que apontam nesta direção foram enumerados na introdução deste artigo, quando foi observado que a totalidade (τὸ πᾶν) se abre no pensamento (νοῦν) (30b-c), e o Demiurgo, a partir da mortalidade do útero de *Khora* fabrica o *cosmo*, e pinta o céu, a partir do qual se enuncia uma imagem eterna que avança de acordo com o número, "que seria o que chamamos tempo". Neste âmbito, as imagens foram úteis para o projeto platônico, assim como chegaram a ser úteis para o nosso projeto, qual seja: demonstrar como o advento da existência da Deusa, assim como do panteão grego, de uma forma geral, não teria sido possível sem a existência destas mulheres, sacerdotisas, que durante muitos milênios foram respeitadas enquanto tais. Terão estas sacerdotisas formado quantas gerações com base no amor e no respeito mútuo? Igual tempo será necessário para o advento de uma civilização que torne possível novamente o respeito pelos entes femininos? De quanto tempo dispomos para fazer deste respeito pelo feminino a chave da liberdade?

De início observamos como Platão também terá sustentado o próprio discurso com base nos cuidados mantidos, outrora, por uma Deusa: Atenas. Foi pontuado como o aparecimento de algumas entidades femininas no *Timeu* terão servido à verdade que, por meio do trabalho do Demiurgo, encontra o seu lugar de proveniência. A linguagem poética aí terá chegado a se mesclar com a do pensamento, e a totalidade pôde vir a ser configurada como talvez parte do desejo do filósofo de deixar clara a impossibilidade de se alcançar a totalidade (τὸ πᾶν) *sem* tomar-se como

base entidades femininas. Pode ser observado, por fim, que à semelhança do modo como Platão terá chegado a fundamentar o seu discurso nestas imagens, nós fundamentamos o nosso no Matriarcado Minoico.

Seguimos, assim, os mesmos passos de Platão que, se nos apresenta imagens, e pondera a respeito do caráter inigualável de uma arte arcaica, o faz para reafirmar o tempo da justiça como o lugar para onde a verdade nos lança. A política veio aí a ser bastião de um plano cósmico, onde a totalidade, para poder vir a ser compreendida como tal, requereu que entidades femininas fossem lidas e reverenciadas. Assim como o filósofo faz no *Timeu*, tivemos como propósito traçar as bases de um projeto político que poderá se concretizar a partir de uma virada no campo ontológico: despertar a *urbe* para o poder do feminino pode se dar a partir do instante em que realizamos este poder como um componente inescapável ao advento também mais arcaico de saberes como a filosofia, a dramaturgia, a mitologia, a geometria, assim como a estereometria, e a medicina.

Assim, a partir da escuta do real que Platão voltou a tornar possível, talvez consigamos também encontrar a cura para a falta de saúde em massa que as técnicas produzem e cujos malefícios avançam sem limites na contemporaneidade.

7. Considerações finais

Ensaiamos aqui conjecturas sobre uma época em que mulheres puderam atuar como líderes. Se chegamos a pensar a hipótese da época Micênica como debitária de uma economia legada pelo matriarcado Minoico, isto foi porque conquistamos a possibilidade de saber da origem feminina de nossa civilização como debitária de uma Deusa que, já na Grécia antiga, receberá o nome de Atenas. Desejamos pensar aqui, por fim, como terão resistido por tanto tempo as matriarcas minoicas, de modo a ainda hoje se fazerem presentes neste propósito aqui, qual seja, antever a divina sabedoria que pode nascer da capacidade de aceitar que a essência de toda sabedoria nasce do respeito às mulheres e das mulheres.

É possível falarmos em um amor minoico? Para saber se esta fala vem a ser possível, pensemos: falar do que não se diz por meio de palavras — foi precisamente isto que tentamos fazer aqui. Para isto, antes, foi preciso que aprendêssemos a nos situar no inusitado, no inaudito de imagens que, apesar de belas, seriam, pela lógica platônica que emerge da crítica socrática lançada no *Livro X*, incapazes de dizer a verdade. Apesar dos limites que encontramos, não desistimos de nosso projeto, sobretudo a que diz respeito ao seguinte problema de caráter filosófico: como conseguiram as *minoans* viver tanto tempo sem recurso a armas? Lideradas pela Deusa terão resistido mais, ou menos que nós? Mesmo em contínuo contato com "os sem-musa" chamados bárbaros pelos gregos — porque as *minoans* não terão precisado derramar sangue estrangeiro para se defender? Talvez não tenham nem precisado se defender. Como a oratória de Aspasia no *Menexeno* atesta, talvez o segredo destas mulheres, com o da própria Aspasia, professora de Sócrates, será podido antever, nos estrangeiros, não signos de inimizade, mas insígnias do poder da fraternidade. Ou até mesmo de uma crença na humanidade transmitida por uma avó, como a de Teseu que, mesmo não lhe sendo consanguínea, chorou pelo guerreiro ter-lhe dado respeito e compaixão. Terminou ensinando-lhe, assim, a reconhecer-se como um rapaz lindo. Foi a partir da alma benzida por esta senhora que o guerreiro terá podido adquirir forças para matar o touro de Maratona? Assim como Teseu, os estrangeiros seriam, na retórica defendida por Aspasia, antes, prováveis maridos, ou filhos

dos mesmos antepassados, e, sobretudo, filhos de uma mesma mãe: a mãe-terra (PLATÃO, 2015, 236d- 249c). A partir das reflexões de Aspasia, somos levados à seguinte questão: Se o que nos une é o amor por esta terra, apenas cultivá-lo será a saída para a Era da técnica? Ou este projeto político estará fadado a suportar as situações para as quais o Patriarcado ainda insiste em nos lançar? Platão duvida do poder do amor para curar os que atentam contra o respeito. Nas *Leis* ele se valerá da pena de morte para crimes de desrespeito contra sacerdotisas e sacerdotes. Terá desejado o filósofo defender as sacerdotisas em Creta fazendo valer, em seu último ato em vida, uma lei que levaria à morte os impiedosos?

Esta questão deverá ecoar em cada um que se coloque contra o feminino e líderes feministas. Nós defendemos o feminino e nos postamos pela valorização destas entidades capazes de manter o cuidado sem o qual a humanidade perece. Por isto buscamos fazer uso das imagens do Matriarcado Minoico: como Platão acreditamos que trazer para o campo da reflexão filosófica a sabedoria feminina que terá estado subjacente ao advento do milagre grego é fazer política. Caso o respeito pelo feminino puder voltar a estar na dianteira destes saberes, também outros saberes poderão advir, sobretudo no que tange ao cuidado passível de advir de uma relação sagrada com a *physis*. Então, poderemos ser orientados pelo respeito que, por sua vez, nos permitirá nos tornarmos seres mais livres. Isto que tem nos permitido repensar a destinação originária desses saberes, ao mesmo tempo em que nos erguer pelo respeito pelo feminino, respeito este que foi legado não apenas pela Civilização Minoica mas por nossas avós e mães, professoras, sacerdotisas e também aprendizes da resistência que tem base no cuidado mútuo em um tempo demasiadamente difícil para todos nós que desejamos transmitir a alegria de ser. Do princípio, a arché (ἀρχή) feminino buscamos falar aqui, no intuito de tornar evidente este princípio como chave da sustentação do respeito mútuo.

Já que não foi decifrado o Linear A, o principal instrumento de que dispomos foi tentar enxergar, por detrás das imagens em que as sacerdotisas[37] cretenses apresentam-se para a Deusa a importância do pensamento, o *nous feminino* na cunhagem deste antepassado que terá tornado possível, quem sabe, a própria filosofia. Deste modo, nos foi possível sinalizar para o aprendizado do respeito mútuo como capaz de nos guiar para a possibilidade de re-aprendermos a ensinar melhor este aprendizado genuíno que é o de como podemos existir sem tomar por base a violência.

Note-se que as imagens foram o principal instrumento de que dispomos mas não foi o único. Também a história da língua grega, sobretudo no que houve de remanescente nas reminiscências do poder da Deusa. Isto foi capaz de dizer sobre o vigor de um modo de ser ditado pelo amor. Este amor que terá emanado de mulheres reconhecidas como sagradas, talvez ainda nos falte reconhecer como existente também no Brasil. O que terá sido possível de surgir em Creta, e também na Arcádia de Diotima, na Kythira de Aphrodite Uranos, na Ítaca de Penélope, e sobretudo na boca da Pythia que habitava Delfos (GIEBEL, 2013) cujo deus Apolo só existiu por ter sido antes capaz de se entronizar no Ônfalo da mãe-terra poderá ressurgir na contemporaneidade? Talvez surja e ressurja a medida que passamos a nos reconhecer como provedoras de milagres que o nosso povo precisou já tanto providenciar para resistir a uma Era cujo projeto essencial é de expansão do desencanto.

Tentemos responder mais uma vez à questão de como as minoicas puderam existir sem adquirir armas para se proteger. A palavra amor talvez seja *in*suficiente para compreender uma existência que terá tido como princípio e alicerce primeiro um vir a ser pacífico e nem por isto menos vigoroso. O aprendizado do sagrado como capaz de se expandir sem precisar se armar de atos violentos, faz

37 *Sacer* do latim, sagrado, *otis*, quem representa. Portando, sacerdotisa é quem se deixa "representar a partir do sagrado".

da cultura minoica um manancial que deve continuar expandindo-se com base no amor em um sentido muito mais amplo do que o que veio a se tornar passível no Patriarcado até agora. Se não pudemos, pela lógica do Patriarcado e até do nascimento do Ser, ter acesso ao amor como acontecimento *a priori*, não se trataria, este, de um problema mais teórico do que fático? Caso se trate de uma mera impossibilidade lógica, a seguinte pergunta torna-se obrigatória: não podemos (ou devemos) deixar esta lógica, que nos impede de ver sentidos *physicos* no amor minoico, um pouco de lado? Em outras palavras: Se são as impossibilidades lógicas que nos impedem de conferir real estatuto simbólico ao amor minoico não será oportuno dispensarmos a lógica? Sim, será necessário dispensarmos a lógica que nos incapacita de manter o amor pela sabedoria como mais fundamental do que todas as questões filosóficas. Desvencilhemo-nos da impossibilidade de pensar o inaudito para que o surgimento do amor tenha seu solo expandido para além das raias do acontecimento do Ser. Assim, chegaremos, da pergunta lançada à resposta final: para se proteger dos perigos dos povos vizinhos, as armas das *Minoans* terão sido os seios desnudos, e a descoberta da onisciência. Repitamos: Para não sucumbir nas guerras mantidas por hordas de civilizações estrangeiras teriam tido como arma principal a onisciência, que, por sua vez, teria permitido a estas sacerdotisas transmitir os saberes que acreditamos terem remanescido nas Civilizações Micênica e Ática a partir da noção de Deusa da sabedoria. Para sustentar esta perspectiva, partimos do desejo de voltar a ouvir a sabedoria desta Deusa que, em nosso Cretense, é ainda sem nome e que pôde sustentar uma ordem sagrada de sacerdotisas, do grego *hierarquia* (*hiero - arquia*; do grego, sagrado - governo).

Faltou respondermos à seguinte pergunta: *como e quando* um período de quase três mil anos deixou de existir? E se ousarmos responder que este período não deixou de existir? E se decidirmos que as marcas trazidas no presente artigo são senão uma forma de deixar evidente que o sagrado feminino „minoico“ não estará lá, em um passado para sempre perdido, se não puder ter estado aqui, ou ainda sempre que pudermos voltar a existir num percurso existencial de respeito às mulheres? Aí sim terá podido ter lugar o que chamamos de uma *arcaica ausência de fronteiras entre arte, filosofia, política e religião.*

Isto que, segundo defendemos, teria chegado a culminar também, outrora, na clareza que Platão tivera do valor desta arcaica arte (pré-micênica) enquanto vinculada a sabedorias femininas, viria a ser deixado de ser pensado como o berço mais arcaico de nossa Civilização para renascer, quem sabe, como um aprendizado para o futuro. Será este futuro um lugar onde sacerdotisas poderão voltar a se precipitar em golfinhos a fim de atravessar o Mediterrâneo? Ainda não temos tanta clareza acerca desta possibilidade. O que sabemos é que, nesta terra, as rezadeiras podem sim proferir rezas tão boas quanto as da terra de Odisseus. Assim, é possível que não teremos perdido de vez a possibilidade de resgatar esta sabedoria que tanto fascinou os gregos muito antes do momento em que o Oráculo de Delfos se calou.

Se esta mais alta sabedoria, do feminino como capaz de produzir ética, apesar de incontestável, raramente terá chegado a nossos ouvidos isto terá se dado porque o Patriarcado se auto-alimenta de atos que visam transformar mulheres em objetos, ao invés de em seres capazes de sabedoria. Nós mesmos temos o hábito introjetado de julgar a partir de uma metafísica debitária de filósofos europeus que se assentam, por sua vez, em uma poética que se estrutura em uma lógica escravocrata e colonialista. Se decidimos reiteradamente manter *a priori* sem ser questionada e esquecida esta estrutura, agimos da mesma forma, e não permitimos que outros saberes, mais relacionados à terra, possam vir a ser. Em nós, contudo, a possibilidade da Deusa, ao menos no que diz respeito à

sua importância na formação das sabedorias às quais quisemos dar voz, quis voltar a falar, e pôde se realizar, por enquanto, com menos poder de alcance que na chamada criação do milagre grego. Ainda assim, como uma tomada de partido em prol da investigação dos fundamentos primeiros, a diferença que aqui se quis fazer ver, acerca de maneira mais nítida como assentada na medida do amor que realiza a potência de ler diferentemente a história que nos é legada não deixou de ser amor. Convocamos, assim, todas e todos, a não mais negar a importância das mulheres na formação dos saberes que nos são mais caros. Realizarmos este mais alto reconhecimento permitirá a realização de transmissões que poderão sempre contar com a descoberta do seguinte segredo: de que se, no princípio, era água, antes disto houve um sagrado feminino que veio deixando participarem de si, e que se foi muito mais capaz de reger e dar forma ao *cosmos do que na Era Patriarcal O feminino apenas é capacidade de doação de si.* Assim, isto, agora, continua como em *priscas eras*: quando o respeito é o alicerce, a expansão do cuidado fundamental que nos torna mais humanos também se torna possível.

Finalmente, nos afirmamos como politicamente a favor de um *nous* feminino. *Nous* aqui foi tomado no sentido que Safo primeiro conferiu a este termo: pensamento que se abre ao acontecimento de deuses. Por um lado, partimos da posição que sabe que as experiências do sagrado feminino foram e são reiteradamente silenciadas; e que foi preciso muita luta até para afirmarmos este saber como também pertinente ao campo do saber. Por outro lado, notamos que, embora tenham estas experiências sido reiteradamente retiradas do campo do saber, há ainda seres dispostos a trazê-las e, se é assim, é porque este saber já venceu. E vencerá sempre, a cada vez que um novo aprendiz se voltar para a ideia genial de que respeitar o feminino é, e será sempre, a chave principal para nos redescobrir como seres vigorosos. A fim de legar a possibilidade de onisciência, a partir da preservação da inocência e do redescobrimento da dialética, escrevemos este texto. Aqui terão se feito presentes, ainda mais uma vez, as insígnias da Deusa arcaica cuja presença deixa no lugar uma ausência onde um ocre iluminado passa a poder ser.

Referências

ALEXANDER, Caroline. A Winelike Sea Homer's famous "wine-dark sea" has left scholars wondering: how did the Greeks truly see the sea? *Lapham's Quarterly:* Disponível em:<https://www.laphamsquarterly.org/sea/winelike-sea?fbclid=IwAR1hLm4zEgVE-1HwEp29xz7eb69KJ-Iljl8DsIbFqNnBF2E-RcKK7NoQ5sA> Acesso em 21/09/2019.

ALEXIOU, Sotiris (1960). *La Crète minoenne*. S/d.

ADRADOS, Francisco Rodriguez. *A history of the Greek language : from its origins to the present*. trad. Francisca Rojas del Canto. Ed. Brill, 2005.

ARAUJO, Fabíola. O Ser-aí, na Analítica Existencial de Ser e Tempo. Dissertação, 2007.

DIETRICH, Bernard C. « Death and Afterlife in Minoan Religion », *Kernos* [Online], 10 | 1997, Online since 12 April 2011, connection on 30 April 2019. URL : <http://journals.openedition.org/kernos/643> ; DOI : 10.4000/kernos.643

EVANS, Arthur. *The Palace of Minos: a comparative account of the successive stages of the early Cretan civilization as illustred by the discoveries at Knossos*. London, 1935. Disponível em: <https://digi.ub.uni-heidelberg.de/diglit/evans1935a/0235/thumbs> Acesso em: 31/10/2018.

GIEBEL, Marion. *O Oráculo de Delfos*. trad. Evaristo Pereira Goulart. São Paulo: Odysseus Editora, 2013.
KOSMOS SOCIETY. An online community for Classical Studies. Homeric Greek | *Odyssey* 1.169–177, part 2: Epiphanies and Athena's travels. 2018. Disponível em: <https://kosmossociety.chs.harvard.edu/?p=40196> Acesso em: 31/10/2018.

MINOICO (Período) Museu Arqueológico de Heraclión: <https://www.heraklion.gr/en/ourplace/archeological-museum/archeological-museum.html> Acesso em 20 de julho de 2018 e <https://heraklionmuseum.gr> Acesso em 24 de dezembro de 2020.

MORAIS, Rui; AREZES, Andrea. *Minoicos: os guardiães da primeira civilização europeia*. Portugal: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019.

PARMENIDES. *Peri Physis*. Trad.1 Rodrigo Santoro. Lab. Ousia. UFRJ. Texto fornecido pelo tradutor. trad.2 Marc Szwajcer. Disponível em: <http://remacle.org/bloodwolf/philosophes/parmenide/table.htm> Acesso em: 31/10/2018.

PLATÃO. *Fédon*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Texto estabelecido Burnet, Belém: ed. UFPA, 2011a.

_____. *Menexeno ou Oração Fúnebre* (234a- 249e). Trad. JOSÉ COLEN, UNIVERSIDADE DO MINHO. Gaudium Sciendi, Número 7, Janeiro 2015. Disponível em: <http://www2.ucp.pt/resources/Documentos/SCUCP/

GaudiumSciendi/Revista_Gaudium_Sciendi_n7/16.%20Menexeno%20ou%20a%20Oração%20Fúnebre%20revisto.pdf> Acesso em: 31/10/2018.

_____. In: BURNET, John (ed.) Platonis Opera. Tradução do grego: Projeto Perseus, 1903. [607c-d] Oxford University Press. 1903. Disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:1999.01.0167> Acesso em: 05/07/2017.

_____. *Timeu-Crítias*: texto estabelecido e anotado por John Burnet; tradução, apresentação e notas de Rodolfo Lopes. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2011b.

_____. *Platão*, *Politeia, a República*, Trad. Carlos Alberto Nunes. Texto estabelecido Burnet, Belém: ed. UFPA, 2016.

POOLE, John. *Could grandmotherly love help to explain how we became human?* Disponível em : <https://aeon.co/videos/could-grandmotherly-love-help-to-explain-how-we-became-human>. Acesso em 22 de julho de 2018.

_____. *Why Grandmothers May Hold The Key To Human Evolution*. Disponível em : <https://www.npr.org/sections/goatsandsoda/2018/06/07/617097908/why-grandmothers-may-hold-the-key-to-human-evolution> Acesso em: 31/10/2018.

RAMANZOTI, Natasha. Senhor dos Anéis: nova descoberta nos faz reconsiderar a história grega. *Hypescience*, 2016. Disponível em: <https://hypescience.com/senhor-dos-aneis-nova-descoberta-nos-faz-reconsiderar-historia-grega/> Acesso em: 31/10/2018.

SAFO, de Lesbos. *Poemas e Fragmentos*. Edição bilíngue. Tradução de Joaquim Brasil Fontes. São Paulo: Iluminuras, 2003. p. 25, 27, 47, 51 e 52.

SCHUHL, Pierre-Maxime. *Platão e a arte de seu tempo*. Trad. Adriano Machado Ribeiro. São Paulo: Discurso Editoria: Editora Barcarolla, 2010.

SNELL, Bruno. *A Descoberta do Espírito*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1992.

SOBRINHO, Rubens. Deus sem Ser e Ser divino. *Educação e Filosofia,* v. 30, n. Especial, p. 151-167, 2016. ISSN 0102-6801. DOI: <http://dx.doi.org/10.14393/REVEDFIL.issn.0102-6801.v30nEspeciala2016-p151a167>. Acesso em 11/12/2108.

SOUSA, Eudoro de. *Dioniso em Creta e outros ensaios*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004.

SOUZA, Marcelo. Os aspectos poético-musicais nas obras de Homero: multitextualidade e performance (Séc. VIII a.C). Tese, UFG, 2017.

STEPHANIDES, Menelaos. *Teseu, Perseu e outros mitos*. Trad. Janaína R.M. Potzmann. São Paulo: Odysseus, 2015.

VERNANT, Jean-Pierre. *As Origens do Pensamento Grego.* trad. Ísis Borges B. da Fonseca. 24ed. Rio de Janeiro: Difel, 2018.

ANEXO I

Cronologia de Arthur Evans e Nicolaos Platon				
A. Evans	N. Platon	Cronologia TRADICIONAL	Cronologia EGÍPCIA	Cronologia HELÁDICA
Minoano Antigo	Pré - palaciano			
Minoano Antigo I		3100 - 2700	Dinastias I a IV	Heládico Antigo
Minoano Antigo II		2700 - 2200	Dinastias V e VI	
Minoano Antigo III		2200 - 2000	Dinastias VI a X	
Minoano Médio			Dinastia XI	
Minoano Médio IA		2200 - 1900		Heládico Médio
Minoano Médio IB	Protopalaciano	1900 - 1800		
Minoano Médio II		1800 - 1700	Dinastia XII	
Minoano Médio IIIA	Neopalaciano	1700 - 1600	Dinastias XIII a XVII	
Minoano Médio IIIB		1600 - 1500		
Minoano Recente			Dinastia XVIII	
Minoano Recente IA		1500 - 1520		Heládico Recente I
Minoano Recente IB		1520 - 1430		Heládico Recente II
Minoano Recente II	Pós - palaciano	1430 - 1400	Dinastias XVIII a XX	Heládico Recente II B
Minoano Recente IIIA		1400 - 1330	Dinastia XXI	Heládico Recente III A
Minoano Recente IIIB		1330 - 1200		Heládico Recente III B
Minoano Recente IIIC		1200 - 1100		Heládico Recente III C
Sub - Minoano				

Imagem 7a Cronologia de Arthur Evans e Nicolaos Platon

Cronologia APROXIMADA a.C.	ADAPTADO de EVANS	de ACORDO com PLATON
7000 - 6500	Neolítico (s/cerâmica)	Período Neolítico
6500 - 5750	Neolítico Antigo	
5750 - 4750	Neolítico Médio	
4750 - 3000	Neolítico Tardio	
3000 - 2800	Minoico Antigo IA	Período Pré - palaciano
2800 - 2600	Minoico Antigo IB	
2600 - 2300	Minoico Antigo II	
2300 - 2200	Minoico Antigo III	
2200 - 2000	Minoico Médio IA	
2000 - 1900	Minoico Médio IB	Período Proto - palaciano
1900 - 1800	Minoico Médio IIA	
1800 - 1700	Minoico Médio IIB	
1700 - 1600	Minoico Médio IIIA	Período Neo - palaciano
1600 - 1550	Minoico Médio IIIB	
1550 - 1500	Minoico Tardio (ou Recente) IA	
1500 - 1450	Minoico Tardio (ou Recente) IB	
1450 - 1400	Minoico Tardio (ou Recente) II	
1400 - 1300	Minoico Tardio (ou Recente) IIIA	Período Pós - palaciano
1300 - 1220	Minoico Tardio (ou Recente) IIIB	
1220 - 1050	Minoico Tardio (ou Recente) IIIC	

Imagem 7b Cronologia Adaptada (p. 40)

In: MORAIS, Rui; AREZES, Andrea. *Minoicos: os guardiães da primeira civilização europeia*. Portugal: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019 p. 08

ANEXO II

Imagem 8 Opiáceos. Heraklion Museum, Creta, 1500 a.C, Era Minóica.

Esculturas que acenam para a possibilidade de a Civilização minoica ter feito uso de opiáceos. Observemos: as cabeça das esculturas portam sementes de ópio.

ANEXO III

Imagem 9 *Kouros*. Figura masculina do Período Minoico. Heraklion Museum, Creta, 1500 a.C, Era Minóica.

Imagem 10 *Detalhes do Kouros*. Figura masculina do Período Minoico. Pés, braços e mãos.Heraklion Museum, Creta, 1500 a.C, Era Minóica.